

ARTE EGÍPCIA

O Egito, país situado a nordeste da África, foi alvo de inúmeras obras de historiadores, antropólogos, sociólogos, romancistas, arqueólogos e uma infinidade de pesquisadores. Ainda assim, o misticismo do Egito nos fascina, e o seu legado cultural nos impressiona.

O povo é originário do ramo mediterrâneo da raça caucásica, e na sua formação contribuíram elementos negroides, líbios e semitas. Os grupos humanos que se estabeleceram às margens do Nilo organizaram-se em pequenas comunidades políticas, os nomos. Liderados por um chefe sacerdote, os nomos espalhavam-se entre o alto e o baixo Nilo. Por volta de 4 mil a.C. ocorreu um processo de unificação, que resultou na formação dos reinos do norte e do sul. Em 3200 a.C., o chefe do norte, chamado Menés, unificou os dois reinos, tornando-se, dessa forma, o primeiro faraó.

Com a unificação concretizada por Menés, iniciou-se a história política no Egito. As dinastias, em número de 26, descendentes de Menés permaneceram por mais de um milênio no governo. O faraó detinha o poder máximo, sendo considerado

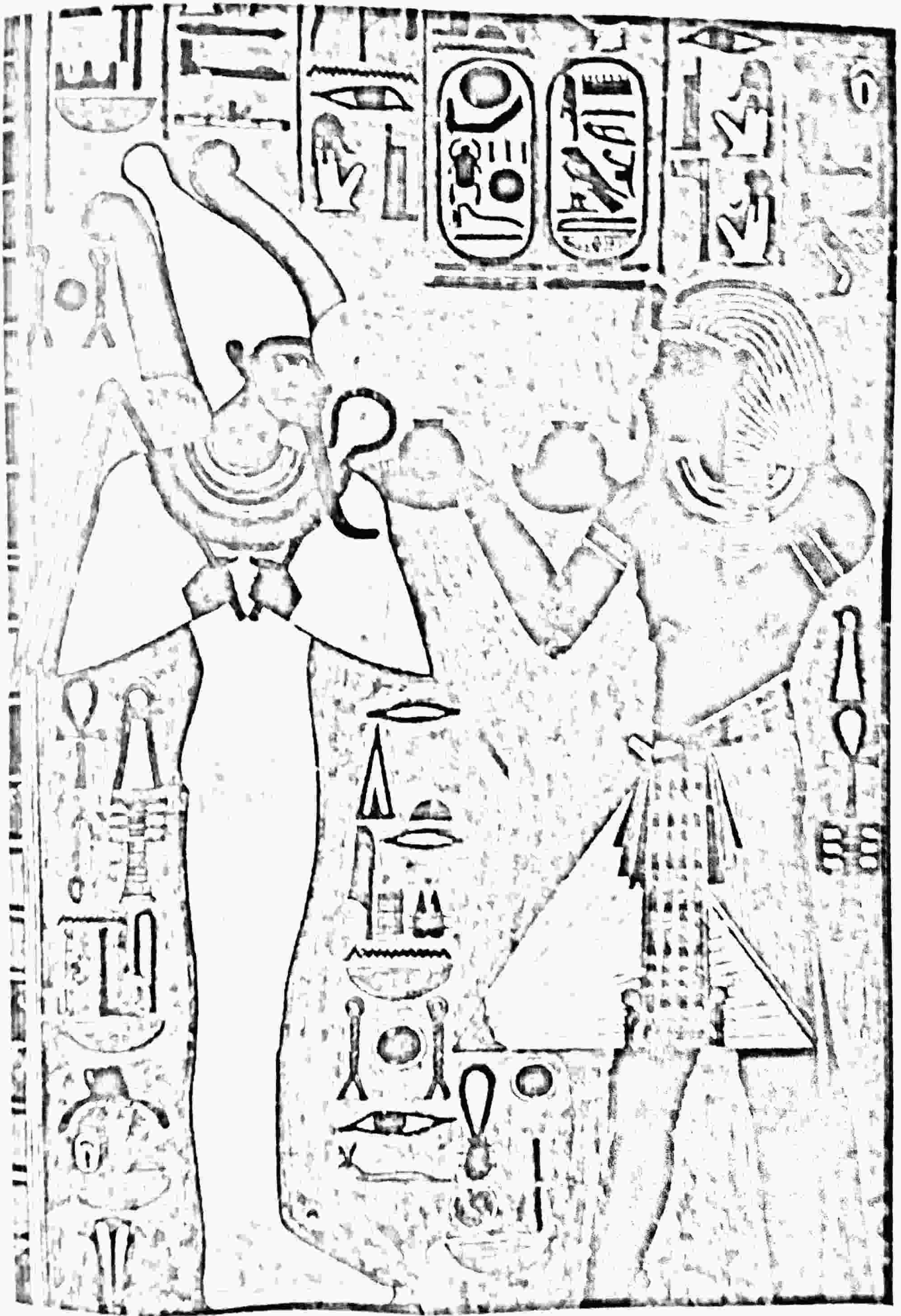
a encarnação do próprio deus Hórus, o falcão. Seus poderes eram ilimitados. Mesmo quando os sacerdotes e nobres dominavam, sempre o faziam em nome do faraó.

Os sacerdotes tinham uma posição privilegiada, pois viviam às expensas do Estado, isto é, do povo. Davam suporte ao governo que era teocrático, ou seja, governado pelos deuses representados pelo faraó. O poder sacerdotal era imenso, chegando até mesmo a monopolizar a cultura e a arte, ambas a serviço da religião.

Toda a atividade do povo estava influenciada pela religião. Suas características principais foram: politeísmo, crença na imortalidade da alma e no Juízo Final. A existência dos deuses satisfazia a ânsia do homem de ser atendido pela divindade que afastava os temores existentes em sua alma. Os egípcios acreditavam na imortalidade da alma. Esta, após a morte, era submetida ao julgamento de Osíris. Por isso, os túmulos eram decorados com fórmulas mágicas, quando não levavam o pergaminho contendo o *Livro dos mortos* para ser citado perante os deuses. Todos acreditavam que, após a morte, a alma voltaria para habitar o corpo, ou algo que lembrasse o morto. Assim os mais pobres pagavam para que os sacerdotes desenhassem na casa do falecido uma pequena figura na parede para o morto nela reencarnar e não assombrar a casa. Os ricos, por sua vez, encomendavam a mumificação do corpo que era mais rica e pomposa na proporção da fortuna do falecido. Esses cadáveres eram depositados em túmulos de pedra, verdadeiras obras de arte, geralmente subterrâneas, destinados aos faraós, como as gigantescas pirâmides.

Arquitetura

A arquitetura egípcia se define nos monumentos funerários e religiosos. Suas características principais são: dimensões grandiosas, simplicidade das formas, aspecto maciço e pesado, sistema construtivo estático de peso e sustentação, predominância das superfícies sobre os vazios e policromia.



Cerimônia de libação de um faraó ao deus Osiris.

Os monumentos funerários eram: mastabas, pirâmides e hipogeus. Mastabas eram túmulos de base retangular e forma trapezoidal, originariamente de tijolos e mais tarde de blocos de pedra. Compunha-se de capela, local do culto e das oferendas; serdab, local onde eram guardadas a estátua do morto e a câmara sepulcral, onde se depositava a múmia.

As pirâmides representam os mais belos monumentos funerários da quarta dinastia. Conta-se que um faraó chamado Zozer achou a mastaba um túmulo superado para um governante do seu poder e glória. Pediu, então, ao seu arquiteto Inhotep que estudasse uma sepultura condigna. Este imaginou superpor cinco mastabas, criando assim a primeira pirâmide, ou a pirâmide escalonada de Sacara, com 60 metros de altura, na planície do Gizé.

As maiores pirâmides foram as dos faraós: Quéops, Quéfren e Miquerinos, respectivamente com 148, 126 e 60 metros de altura, pertencentes à quarta dinastia. Interessante observar que os quatro ângulos da pirâmide de Quéops simbolizavam as quatro principais vias de aperfeiçoamento humano: arte, ciência, religião e filosofia.

A construção das pirâmides exigia complexa ciência de mecânica e arquitetura. Construía-se sobre terrenos rochosos, previamente escolhidos e estudados, capazes de resistir ao peso descomunal dos blocos de granito. Estes eram extraídos, cortados e primorosamente esquadrados nas distantes jazidas de Assuan. Eram desembarcados em ancoradouros especialmente construídos e arrastados a braço, através do deserto, por estradas firmes, mas escorregadias, porque recobertas de lodo do Nilo, constantemente umedecido e renovado. Em seguida, eram puxados por um plano inclinado de terra batida, que se elevava acompanhando o nível da fileira de blocos que se iam acumulando. Colocados os blocos, revestiam-nos de uma camada de argamassa destruída pelo tempo, para uniformizar a superfície das faces da pirâmide. Terminada a tarefa gigantesca da colocação dos blocos e do revestimento das faces, cumpria fazer a remoção do aterro do imenso plano inclinado de areia. Era trabalho que equivalia, praticamente, pelos esforços exigidos, à construção de outra pirâmide.



Ramsés II representado como criança.

A pirâmide propriamente dita compunha-se de canais de aeração e corredores de acesso à sala central onde, habilmente disfarçada, estava a entrada da galeria que conduzia à câmara subterrânea sepulcral, no subsolo, com a múmia do faraó luxuosamente paramentada: máscara de ouro e outros adornos e símbolos, cercada de utensílios e armas preciosos. A múmia era depositada em sarcófagos suntuosos de madeira fornecida pela cidade fenícia de Biblos, famosa pelo seu cedro.

Ao redor da pirâmide havia dois templos. Um, mais rico, para o culto rendido pela família e a nobreza, outro mais modesto, destinado ao povo. A famosa Esfinge foi lavrada na rocha no reinado de Quéfren, cujos traços fisionômicos reproduz. É a entrada monumental do templo de sua pirâmide.

Os hipogeus são túmulos escavados na rocha, erigidos pelos faraós das dinastias tebanas no Novo Império. Contêm galerias, corredores e salas mobiliadas até a câmara sepulcral. Todos os cuidados são postos para dificultar a localização da múmia do faraó.

Os dois maiores exemplos de monumentos religiosos são os templos de Lúxor e de Carnac, perto da cidade de Tebas. Na frente deles há uma longa e ampla avenida de esfinges. A entrada é monumental com dois imensos pilones de base retangular e forma trapezoidal. No interior desses pilones, escadarias levam ao alto, ao teto em forma de terraço, onde se erguem nos dias de festa mastros embandeirados. Entre os dois pilones, no centro, a porta de entrada, ladeada por dois obeliscos. Na superfície dos pilones, há baixos-relevos e inscrições coloridas. Em seguida, há um pátio cercado de colunas, do qual se passa a uma grande sala, cujo teto de pedra está sustentado por poderosas colunas. Chama-se "hipostila" por estar sob colunas, iluminada lateralmente por aberturas no alto das paredes. A seguir, o sacrário, imerso na obscuridade. É um lugar sagrado, com as imagens dos deuses e as relíquias mágicas. Ali só podem chegar o faraó e o sumo sacerdote para os ritos misteriosos da comunicação com a divindade.

Os arquitetos egípcios criaram diversos tipos de coluna. De um modo geral, esta se compõe de três partes distintas: a base, suporte inferior sobre o qual se assenta; o fuste, corpo propriamente dito da coluna, de forma cilíndrica, às vezes com reentrâncias côncavas denominadas caneluras; e o capitel, parte superior, para suportar o peso da estrutura do teto. Esses três elementos variam segundo o estilo da coluna. Os egípcios criaram quatro tipos de colunas: a protodórica, a lotiforme, a campaniforme e a hatórica.

A protodórica não possui base e seu capitel é formado por um suporte quadrangular. O fuste apresenta geralmente caneluras. É a mais antiga.

A lotiforme tem o fuste composto de talos de lótus em feixe, como se estivessem amarrados. Seu capitel é uma flor-de-lótus não desabrochada e geometricamente estilizada.

A campaniforme distingue-se pelo capitel em forma de campânula que representa a flor-de-lótus ou do papiro plenamente desabrochada. É a mais decorativa e luxuosa coluna egípcia.

A hatórica tem no capitel um rosto humano, personificação da deusa Hator, representada por uma vaca. No alto da cabeça, um pequeno templo.

Escultura

Na Antiguidade oriental, os egípcios foram os maiores estatuários, primando na técnica, no domínio do material e no poder expressivo. Nos templos funcionavam escolas de arte e ateliês, nos quais se faziam demoradas e severas aprendizagens. Mostram-se excelentes no tratamento do material utilizado, tanto os resistentes, como o granito, o basalto, a diorita, como os mais brandos, os calcários macios e a madeira. Não se devem esquecer o vidro e a moldagem em barro, sobretudo figurinhas de cerâmica, cheias de realismo, abundantes entre os utensílios e objetos funerários.

Os egípcios foram excelentes no baixo-relevo, como demonstra *O escriba sentado*, e no desenho de incisão com que cobriam as superfícies das paredes e colunas dos templos. O primeiro tinha a finalidade de oferecer ao morto uma imagem, um substituto de todas as ações que lhe eram usuais: caça, pesca, trabalhos, festas e cenas do cotidiano.

As estátuas de enormes dimensões são comuns. Os colossos de Ramsés II, em Abu Simbel, impressionam pelo tamanho. Manifestam a impassibilidade, a serenidade, que é a marca de uma alma superior, o hieratismo, que indica a condição sagrada e todos os gestos estereotipados.

Na época de Akhenaton, faraó da XVIII dinastia, a escultura adquiriu acentuado caráter naturalista. Esse faraó empreendeu uma profunda reforma social e religiosa que teve reflexos nas artes, contrariando convenções religiosas milenarmente estabelecidas. A escultura passa a ter vida e liberdade.

Pintura

Os pintores egípcios utilizavam a técnica do afresco. Obedeciam à Lei da Frontalidade, em que as figuras se apresentam distorcidas. No rosto de perfil, o olho está de frente. O tórax é visto de frente, enquanto as pernas e os pés estão de perfil. Julgou-se, a princípio, que fosse ingenuidade ou incapacidade, mas isso não seria possível num povo tão adiantado em outras atividades e conhecimentos. A imagem dos deuses, dos reis e governantes, dos poderosos em suma, exige o máximo de relevância da pessoa que a contempla.

Os egípcios não usavam a perspectiva científica para representar o espaço, mas, na verdade, apenas para sugerir-lo. Usavam processo também adotado por outros povos antigos: superpunham as figuras ou cenas em faixas horizontais. Na pintura

há a ausência do claro-escuro, ou seja, as gradações entre luz e sombra para dar ilusão de volume.

No Antigo Império, os pintores eram simples na composição, sintéticos no desenho e sóbrios no colorido. Usavam tonalidades particularmente sombrias e graves. Comunicavam-nos sentimentos de estabilidade. Nessa época surgem relevos pintados.

No Médio Império e, principalmente, no Novo Império, insinuam-se intenções decorativas e de elegância ornamental, que atingem finalmente certo preciosismo luxuoso. Os artistas passam a usar a técnica do pontilhismo, bem como exemplifica o sarcófago de Nekheb,^{*} ora em Boston. Aparecem papiros ilustrados, pinturas em túmulos, em paredes e em estelas. Gradativamente, a pintura emancipa-se do relevo, cercado-se de valores próprios. Já existe uma preocupação com a forma e interpretação pessoal.

* el-KAB

Artes decorativas

Os artesãos egípcios foram muito criativos no que tange às artes decorativas. Criaram, por exemplo, todos os tipos de móveis conhecidos, elegantes e confortáveis. Trabalhavam caprichosamente a madeira, com incrustações de marfim, metal ou pintura laqueadas, como se observa nos utensílios e peças funerárias retirados dos túmulos, hoje nos principais museus europeus.

As joias, braceletes, pulseiras, colares, peitorais e anéis feitos de materiais semipreciosos, pedras e ouro, distinguem-se pela delicadeza, gosto e originalidade. As máscaras de ouro com que recobriam a face das múmias reais mostram a técnica que atingiram.

Inventaram o esmalte e, segundo vários autores, o vidro, sem contar o azulejo. O busto do faraó Tutancâmon, descoberto por Carter, em 1922, notabiliza-se pela execução em vidro e pelos valores expressivos.